

ABORDAGENS DA MÍDIA SOBRE A QUESTÃO MINERAL EM JORNAL IMPRESSO NA BAHIA (2000-2023)

Valdirene Santos Rocha Sousa ¹
Guiomar Inez Germani ²
Lucas Zenha Antonino ³

RESUMO

A proposta deste artigo é analisar as narrativas a respeito da questão mineral nos conteúdos produzidos na mídia jornalística em circulação na Bahia, entre os anos de 2000 a 2022. Servem de base para esta análise os dossiês da Hemeroteca do Grupo de Pesquisa GeografAR/UFBA. A Hemeroteca agrega um conjunto de notícias veiculadas em jornais impressos de circulação estadual/nacional referentes a diferentes dimensões da Questão Agrária, entre estas a mineração. Buscou-se analisar, crítica e qualitativamente, o conteúdo sistematizado do Dossiê da Questão Mineral. Para tanto, parte-se de uma compreensão assentada na dialética, entendendo a realidade concreta em seu movimento histórico enquanto o lócus privilegiado para o entendimento das contradições inerentes ao modo de produção capitalista de produção. Assim, adota-se a análise de conteúdo como possibilidade metodológica para o desvelamento das questões propostas. Os resultados evidenciam a ampla abordagem das narrativas e discursos favoráveis, provenientes do Estado e em prol do Setor Corporativo Mineral. Em contrapartida, demonstram como são invisibilizados, nos veículos de comunicação, os movimentos sociais, as populações tradicionais e os conflitos que enfrentam com as atividades minerárias.

Palavras-chave: Questão mineral, Mídia hegemônica, Jornal, Bahia, Lugar.

ABSTRACT

The purpose of this article is to analyze the narratives regarding the mineral issue in the content produced in the journalistic media circulating in Bahia, between the years 2000 and 2022. The dossiers from the Hemeroteca of the GeografAR/UFBA Research Group serve as the basis for this analysis. The Hemeroteca aggregates a set of news published in printed newspapers with state/national circulation relating to different dimensions of the Agrarian Question, including mining. We sought to analyze, critically and qualitatively, the systematized content of the Mineral Question Dossier. To this end, we start from an understanding based on dialectics, understanding concrete reality in its historical movement as the privileged locus for understanding the contradictions inherent to the capitalist mode of production. Therefore, content analysis is adopted as a methodological possibility for unveiling the proposed questions. The results highlight the broad approach of favorable narratives and speeches, coming from the State and in favor of the Mineral Corporate Sector. On the other hand, they demonstrate how social movements, traditional populations and the conflicts they face with mining activities are made invisible in the media.

Keywords: Mineral issue, Hegemonic media, Newspaper, Bahia, Place.

¹Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia (UFBA); vinculada ao GeografAR/UFBA; professora no Instituto Federal da Bahia (IFBA). valdirene.ifba@gmail.com;

²Professora no Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia (UFBA); coordenadora do GeografAR/UFBA. guio_ufba@yahoo.com.br;

³Servidor no MDA; Professor na UNIFESPA; vinculado ao GeografAR/UFBA. lucaszenhas@gmail.com.

INTRODUÇÃO

É recente na Geografia o pensamento crítico sobre a mineração enquanto uma questão complexa e contraditória, geradora de conflitos territoriais que se refletem desde a transformação das paisagens até a modificação dos modos de vida (ANTONINO, 2019; SOUSA; GERMANI; ANTONINO, 2021; GONÇALVES, 2021). A Bahia, estado brasileiro historicamente minerado, tem apresentado um dinamismo crescente no setor mineral e a mídia hegemônica se ocupa de noticiar e (des)informar a respeito dos fatos e movimentos ocorridos no contexto de avanço da “fronteira mineral” nesse início de século.

Atenta-se para o fato de que a mídia tem papel fundamental na legitimação do poder econômico e reproduz, a partir de estratégias e narrativas, interesses que ensejam a perpetuação de uma sociedade de classes. Essa mídia, “membro efetivo”⁴ da classe hegemônica, tem seus direitos assegurados na estrutura econômica, dissemina ideais e busca consenso (mas, produz também dissensos!) na sociedade civil no sentido de obter aval da população, ou, “licença social” para operar (GRAMSCI, 2000).

A presente pesquisa teve como objetivo analisar as narrativas a respeito da questão mineral nos conteúdos produzidos na mídia jornalística em circulação na Bahia. Servem de base para esta análise os dossiês da Hemeroteca do Grupo de Pesquisa GeografAR/UFBA, que agregam um conjunto de notícias veiculadas em jornais impressos, – mas que também tem distribuição no meio virtual – de circulação estadual/nacional referente a diferentes dimensões da Questão Agrária, entre estas a questão da mineração.

Buscou-se analisar, crítica e qualitativamente, o conteúdo sistematizado do Dossiê da Questão Mineral. Para tanto, parte-se de uma compreensão assentada na dialética, entendendo a realidade concreta em seu movimento histórico enquanto o *lócus* privilegiado para o entendimento das contradições inerentes ao modo de produção capitalista de produção (SUERTEGARAY, 2002).

De tal modo, adota-se a análise de conteúdo (BARDIN, 1977), como possibilidade metodológica para o desvelamento das questões propostas. Os resultados evidenciam a ampla abordagem das narrativas e discursos favoráveis provenientes do Estado e em prol do Setor Corporativo Mineral. Em contrapartida, demonstram como são invisibilizados, nos veículos de comunicação, os movimentos sociais, as populações tradicionais e os conflitos que enfrentam

⁴ Referência ao trecho do poema intitulado “Brumadinho Revisitada” escrita por Charles Trocate (2019), do Movimento pela Soberania Popular da Mineração (MAM), citado em Coelho *et al.* (2021).



com as atividades minerárias. Ao mesmo tempo, alertam para a necessidade de entendimento crítico da ofensiva da mídia hegemônica, enquanto estratégia de convencimento da sociedade por parte do setor mineral e em conluio com o Estado.

METODOLOGIA

Ao longo de seus vinte e sete anos, o Grupo de Pesquisa GeografAR (UFBA) se debruçou sobre o levantamento de notícias veiculadas nos jornais impressos de circulação estadual e nacional, no tocante à Questão Agrária em suas diversas dimensões. Assim, entre 1996 e 2022, construiu-se um acervo contendo mais de 15 mil documentos, que estão organizados em dossiês, os quais constituem a “Hemeroteca Digital da Questão Agrária da Bahia”⁵. Nessa pesquisa, a atenção se volta para a dimensão da questão mineral.

Figura 1: Fluxo metodológico da análise do dossiê da mineração (2000-2022).



Fonte: GeografAR, 2023. Elaboração: os autores.

Trata-se de uma pesquisa documental de abordagem qualitativa. Até a finalização dessa pesquisa, foram analisados 543 documentos que estiveram em circulação entre os anos 2000 e 2021, já digitalizados, constantes no “Dossiê da Mineração”. As notícias foram veiculadas,

⁵ Parte do projeto de pesquisa “Questão Agrária e Movimentos Sociais no Jornais da Bahia: Dentro da Notícia, Fora da Terra e dos Territórios” apoiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), e em fase de conclusão.



principalmente, no Jornal A Tarde que agrupou 534 documentos e as demais matérias (9) tiveram origem em jornais variados. Cada documento passou por um processo de leitura, categorização e posterior análise crítica, baseada na perspectiva de Bardin (1987). No seguimento da pesquisa, será ampliada a escala temporal, tendo em vista o acompanhamento constante da movimentação da mídia jornalística a respeito da temática mineral, constituindo uma agenda de pesquisa retroalimentada. Nesse ínterim, serão construídos materiais cartográficos para subsidiar o entendimento crítico da problemática.

REFERENCIAL TEÓRICO

O poder dos meios de comunicação encontra respaldo no sistema político e, de certo modo, exerce controle sobre núcleos decisivos na estrutura do Estado. Não se pode desconsiderar a presença, nas bancadas políticas, de grupos que formam determinado “bloco de poder” voltado aos interesses do setor mineral no país. Esse bloco de poder exerce hegemonia atuando, sobretudo de forma política, econômica e ideológica, em prol do capital mineral (GRAMSCI, 2000). São recorrentes situações em que representantes do setor empresarial, executivos das mineradoras, assumem postos de dirigentes na estrutura dos governos, processo conhecido como “porta giratória” – caracterizado pela mobilidade público-privada de funcionários (JIANG, 2014; ZHOURI, 2023).

Assim, controla-se núcleos decisivos da economia e núcleos centrais do Estado. Nesse aspecto, ocupar posições de liderança, exercer estratégias de convencimento, cooptação, coerção, dominação, inclusive controlando elementos superestruturais como a grande mídia, são mecanismos do exercício da hegemonia que se desenvolvem na conjuntura de um bloco histórico hegemônico e no contexto do Estado ampliado que atua como regulador e controlador político e jurídico da nação (GRAMSCI, 2000).

Aráoz (2020, p. 40), pontua que “a publicidade pró-mineração, dos governos e das empresas, inunda até a saturação o diversificado espaço semiótico de nossa época, com páginas inteiras de jornais e revistas, folhetos, programas na televisão e até emissoras de rádios próprias”. São narrativas que reproduzem, insistentemente, o discurso do progresso e da sustentabilidade e difundem, estrategicamente, a ideia de uma dependência escatológica do “recurso mineral” como última e única via de salvação para as mudanças climáticas que avançam. Agora, o *fetichismo* da transição energética é a tônica que tem sustentado a primazia do setor mineral “sobre todas as coisas”, territórios, populações e lugares. Nesse sentido, Milanez (2023), ressalta que a base da transição energética demanda um leque de minerais, sendo que



muitos desses minérios estão disponíveis em concentrações muito baixas na natureza e a extração dessas substâncias causará uma série de impactos ambientais em âmbito local.

É importante ressaltar que, de modo geral, o conteúdo observado a partir das narrativas dão conta de evidenciar o “esquecimento coerente”⁶ dos impactos socioambientais negativos sobre o Lugar, dos habitantes e seus territórios, nas abordagens jornalísticas da mineração. Essa periferização do Lugar foi observada também a partir da literatura científica (SOUSA; GERMANI; ANTONINO, 2021). Desse modo, seja do ponto de vista teórico-conceitual, seja a partir da significação enquanto referência de espaço da vivência das populações ou enquanto uma perspectiva escalar diante da totalidade, o Lugar é relegado das análises científicas e jornalísticas a respeito do problema mineral. Tem-se, portanto, uma questão escalar que se apresenta, ou se coloca, de forma estratégica na abordagem midiática. Santos (1996, p.120), entende a escala geográfica sob uma perspectiva paralela, ou seja, como “um limite e um conteúdo que se transformam ao sabor das variáveis dinâmicas que decidem sobre o acontecer regional ou local”.

Nesse sentido, é imperativo estabelecer um debate que atente para as discussões ambientais articuladas, dialogicamente, com o Território e com o Lugar (LOPES DE SOUZA, 2020), com o Lugar-Território (SERPA, 2017), ou ainda com o Território Terra-Abrigo (ANTONINO, 2019) enquanto um todo que orienta as ações no âmbito das arenas públicas (FUCKS, 2001) e constituem as pautas das disputas presentes nas correlações de poder em torno dos Territórios minerados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De um modo geral, o material estudado apresentou importantes elementos para análises, as quais permitem ainda mais aprofundamentos e trato sob diferentes perspectivas teórico-metodológicas. *A priori*, é importante ressaltar que segundo a natureza do texto informativo, as notícias aparecem em diferentes formatos/gêneros jornalísticos, desde notas, notícias, fotonotícias/fotolegendas, entrevistas, reportagens, reportagens especiais/dossiês, divulgação – marketing das empresas, entre outros (SILVA E MAIA, 2011). Nesse sentido, inicialmente identificou-se os diferentes tipos de matérias analisadas (Quadro 1).

⁶ RACINE, J. B.; RAFESTIN, C.; RUFY. Escala e ação: Contribuição para a interpretação do mecanismo de escala na prática da Geografia. Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, ano 45, n. 1, jan/mar. 1983, p. 133-145.



Quadro 1: Tipos de matérias presentes no dossiê da mineração (2000-2022)

TIPOS DE MATÉRIA	QUANTIDADE
Nota	208
Reportagem	113
Notícia	141
Artigo	38
Chamada de capa	31
Entrevista	7
Curtas	2
Publicidade	2
Charge	1
Total	543

Fonte: Hemeroteca do GeografAR (2023). Elaboração: os autores.

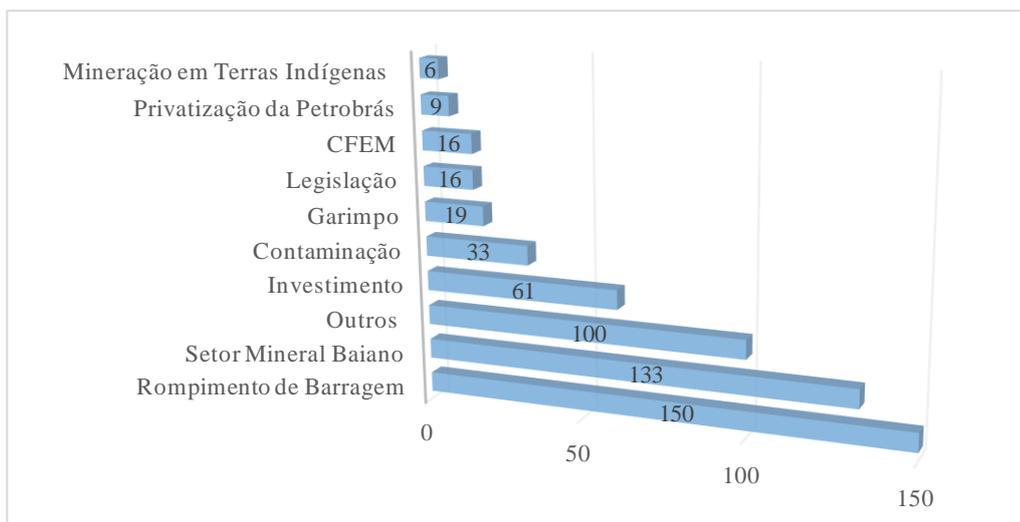
O amplo material documental investigado, possibilitou o avanço realizado e permitiu a elaboração de categorias analíticas. Assim, de acordo com o conteúdo central e narrativa veiculada, enquadraram-se cada matéria conforme categorias, totalizando dez grupos de abordagens, quais sejam: 1. CFEM: a categoria engloba notícias que estão relacionadas à Compensação Financeira pela Exploração de Recursos Minerais; 2. Contaminação: notícias que estão relacionadas à contaminação proveniente de atividades ligadas à mineração; 3. Garimpo: notícias que estão relacionadas ao garimpo, legal ou ilegal; 4. Investimento: as notícias que estão relacionadas aos investimentos realizados no Setor Mineral; 5. Legislação: notícias que estão relacionadas às leis que regulamentam a atividade de mineração no Brasil; 6. Mineração em Terras Indígenas: notícias relacionadas à mineração em terras indígenas; 7. Outros: notícias variadas, relacionadas ao dossiê ‘Mineração’, que não se enquadram em nenhuma categoria preestabelecida e nem possui repetição considerável ou de interesse específico; 8. Privatização da Petrobras: notícias que estão relacionadas à Privatização da Petrobras; 9. Rompimento de barragem: as notícias que estão relacionadas ao risco de rompimento ou ao rompimento de barragens associadas à mineração; 10. Setor Mineral Baiano: notícias que estão relacionadas às dinâmicas e dimensões do Setor Mineral Baiano.

Conforme verifica-se no Gráfico 1, no que compete a distribuição das categorias, há predominância de algumas abordagens sobre outras. A categoria “Rompimento de barragem” foi a mais presente nos conteúdos veiculados. Essas informações deram conta, notadamente, dos casos das tragédias, desastres-crime, ocorridas nos municípios mineiros de Mariana, em 2015, com 58 matérias identificadas, e Brumadinho, no ano de 2019, com 64 documentos. As demais matérias presentes nessa categoria, 29, tratou de outros casos, de menor proporção ou

evidência midiática, de barragens que se romperam, ou que apresentam algum tipo de ameaça, e ainda informações sobre fiscalização e inspeção de barragens pelos órgãos competentes.

Observou-se que, no contexto desses fatos, houve um aumento considerável de informações veiculadas sobre o tema da mineração. Assim, a partir de 2015, sendo que o ano de 2019 concentrou 35% de todo o conjunto analisado, intensificou-se a presença do assunto nos jornais analisados. O desastre-crime ocorrido em Brumadinho (MG), em 2019, é considerado o maior desastre ambiental da história e o maior crime trabalhista do país (INTERVOZES, 2020), que mobilizou a opinião pública nacional e internacional e o surgimento de grupos e diversos movimentos de luta e resistência ao modelo mineral. No entanto, não se observa, por parte da mídia jornalística analisada, visibilidade a essas iniciativas que só aparecem pontualmente em algumas matérias e de modo tangencial/superficial.

Gráfico 1: Prevalência das matérias conforme categoria das notícias analisadas



Fonte: Hemeroteca do GeografAR, 2023. Elaboração: os autores.

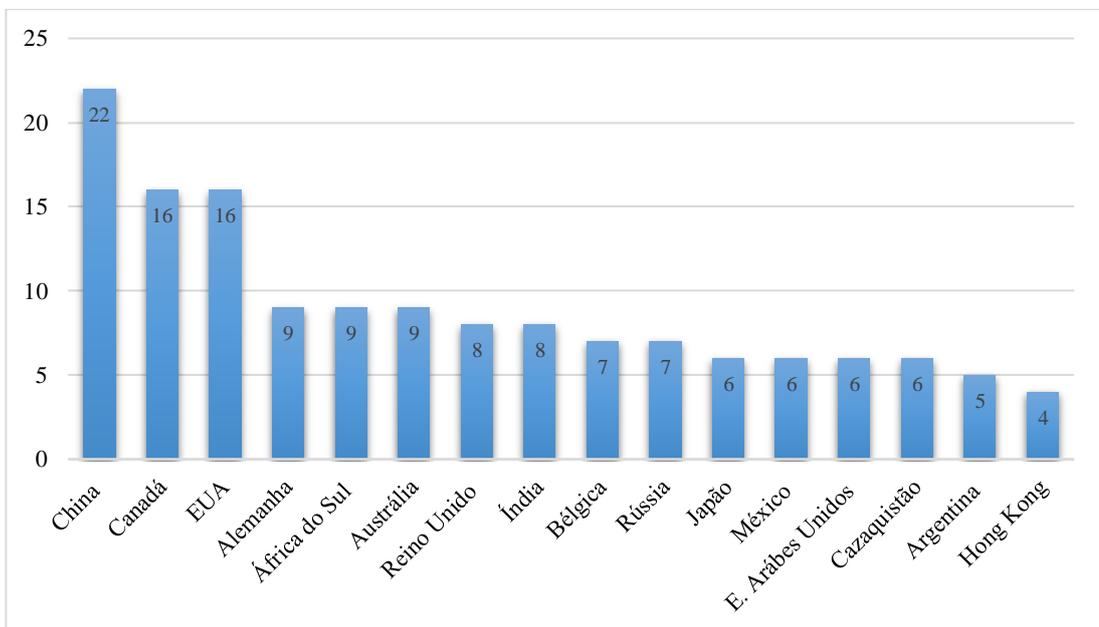
A maioria das notícias dizem respeito ao setor mineral na Bahia, nas quais destaca-se, de modo preponderante, o crescente interesse do capital internacional e seus investimentos. No geral, abordaram o dinamismo e crescimento do setor e exaltaram a elevação do estado para a terceira colocação no *ranking* nacional da mineração. As narrativas desenvolvimentistas marcam essa categoria, sendo que um grupo considerável, 36 matérias, relacionam a necessidade de implantação da Ferrovia de Integração Leste-Oeste (FIOL) e do Porto Sul como equipamentos fundamentais para consolidar a Bahia como uma das principais fronteiras minerais do país.

Nota-se um apelo em torno do tema FIOL-Porto-Sul, seja pelo setor corporativo ou pelo Estado, mediada, especialmente, através da ação da Companhia Baiana de Pesquisa Mineral

(CBPM) A viabilização desses equipamentos é apontada como possibilidade de “novos tempos” para a mineração baiana, pois a “mineração no Brasil não pode parar”. Contudo, não se apresentam os impactos e conflitos decorrentes da implantação dessas estruturas sobre as populações, as comunidades e a natureza. Assim, são considerados enquanto “Grandes Projetos de Desenvolvimento” e abordados apenas como vetor que destravar a logística de comercialização e de transporte da produção mineral e de grãos, voltadas eminentemente para o mercado global.

A crescente produção de “*commodities* minerais”, como as extraídas do subsolo baiano, visa atender as demandas de uma indústria sedenta por matérias-primas que alimentem um sistema-mundo com “apetite voraz”. Nesse contexto, ocorre a (re) definição da posição do Brasil na Divisão Internacional do Trabalho através da reprimarização da economia, resultado de uma inserção subordinada na globalização e a partir do processo conhecido como o consenso das *commodities* (SVAMPA, 2019). De modo objetivo, no que diz respeito a análise das notícias, verifica-se a referência reiterada a países que, paralelamente, investem capital mineral, ao mesmo tempo consomem seus produtos. Destacam-se China, Canadá e EUA (Gráfico 2).

Gráfico 2: Principais países citados nas matérias jornalísticas analisadas (2000 – 2021)



Fonte: Hemeroteca do GeografAR, 2023. Elaboração: os autores.

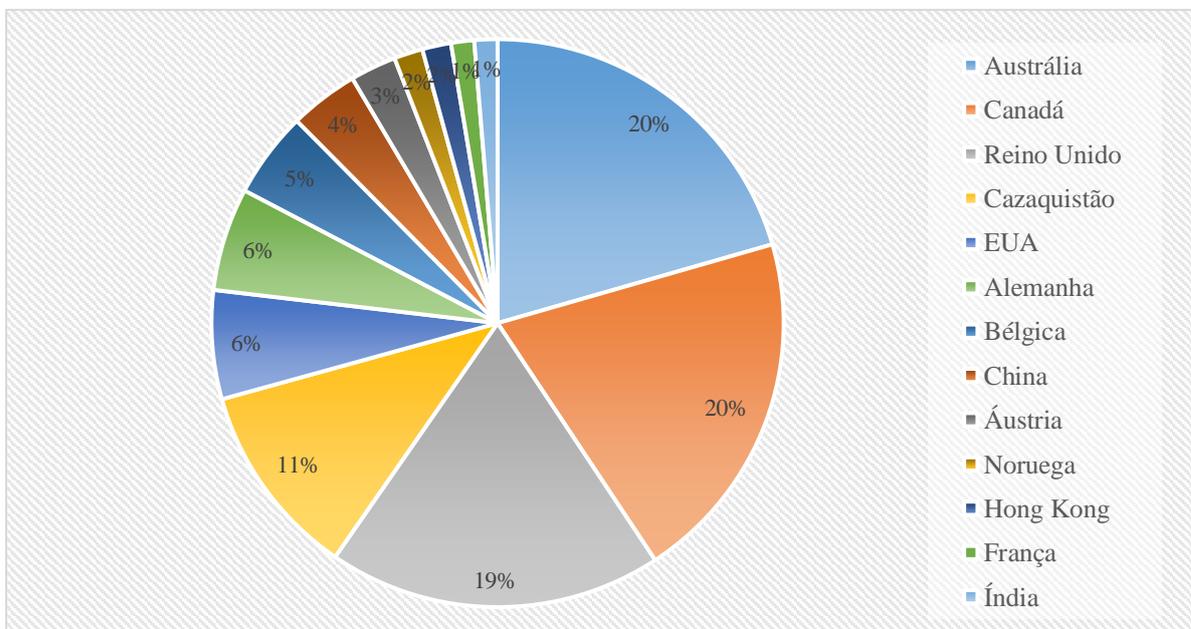
Evidencia-se, também, o apelo do Estado, por meio da ação da CBPM, para atrair investimentos estrangeiros a partir da apresentação do “portfólio” das “riquezas minerais” da Bahia, em eventos internacionais do setor mineral. Do mesmo modo, o Estado nutre altas



expectativas relacionadas ao aumento da procura no mercado internacional por minérios explorados na Bahia, sobretudo por parte da China que tem apresentado “forte apetite”, sendo que a Bahia poderá “se beneficiar” com a demanda mundial por *commodities*;

Tiveram significativa evidência, os discursos sobre a presença e a entrada massiva de investimentos provenientes do capital internacional, seja através das empresas primárias ou de suas subsidiárias, destacando-se corporações com sede em diversos países do mundo. Verificou-se, principalmente, grupos de origem canadense, anglo-australiana, bem como empresas sediadas no Cazaquistão, China, Índia, Bélgica, França, Áustria, Alemanha, Noruega, Luxemburgo, Estados Unidos, entre outros (Gráfico 3).

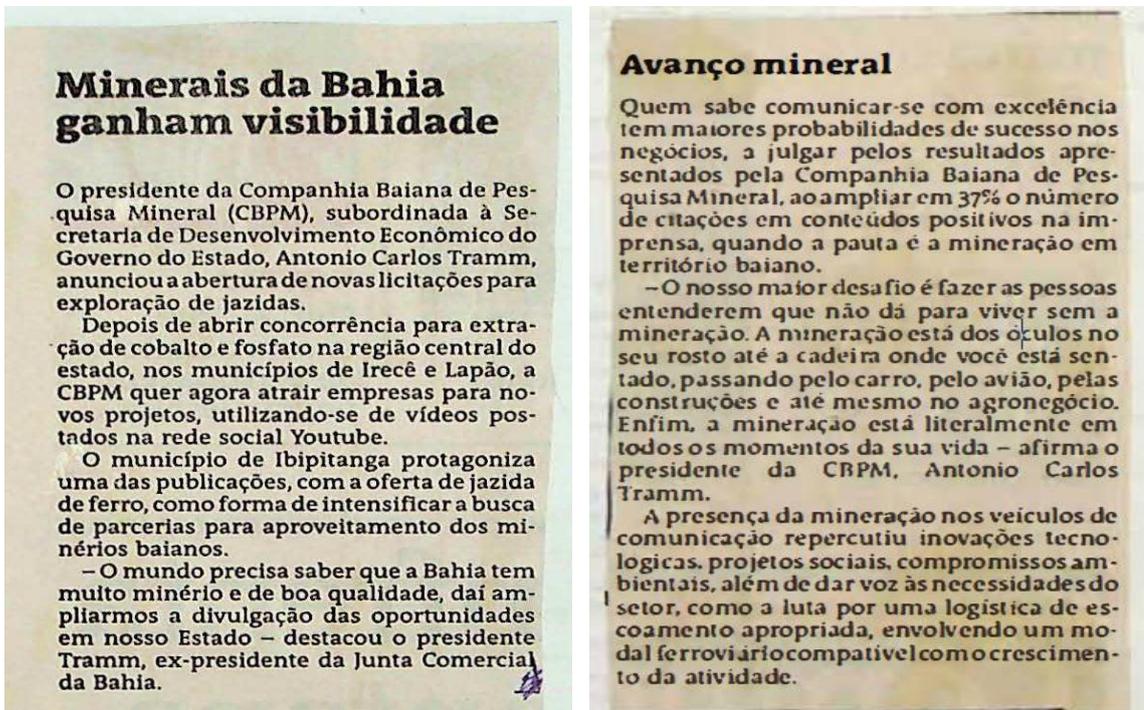
Gráfico 3: Principal origem do capital externo conforme empresas citadas nas matérias



Fonte: Hemeroteca do GeografAR, 2023. Elaboração: os autores.

Nessa perspectiva, no que diz respeito ao estado baiano, a mineração é apresentada como a “galinha dos ovos de ouro”, através da voz ativa do Estado, segundo o qual “O mundo precisa saber que a Bahia tem muito minério”. O Estado, não só viabiliza como financia a expansão dos Territórios minerados, sobretudo a partir de pesquisas realizadas por suas agências como a CBPM, instituição que estrategicamente predomina nas matérias (Figura 1), ou ainda através da omissão de órgãos de fiscalização ambiental, como denunciam os movimentos sociais.

Figura 1: Notas jornalísticas destacam ganho de visibilidade de minerais na Bahia (2019) e de citações da CBPM na imprensa baiana (2022)



Fonte: Hemeroteca do GeografAR 2023.

No entanto, apesar dessa expansão da atividade mineral significar, também, o aumento dos conflitos e impactos decorrentes da mineração, nota-se uma invisibilidade no que tange a abordagem dos conflitos territoriais, dos movimentos de luta e resistência ao modelo mineral, bem como das organizações e das instituições de pesquisa que problematizam, e/ou denunciam problemáticas atreladas à mineração, principalmente no domínio das notícias relativas à Bahia.

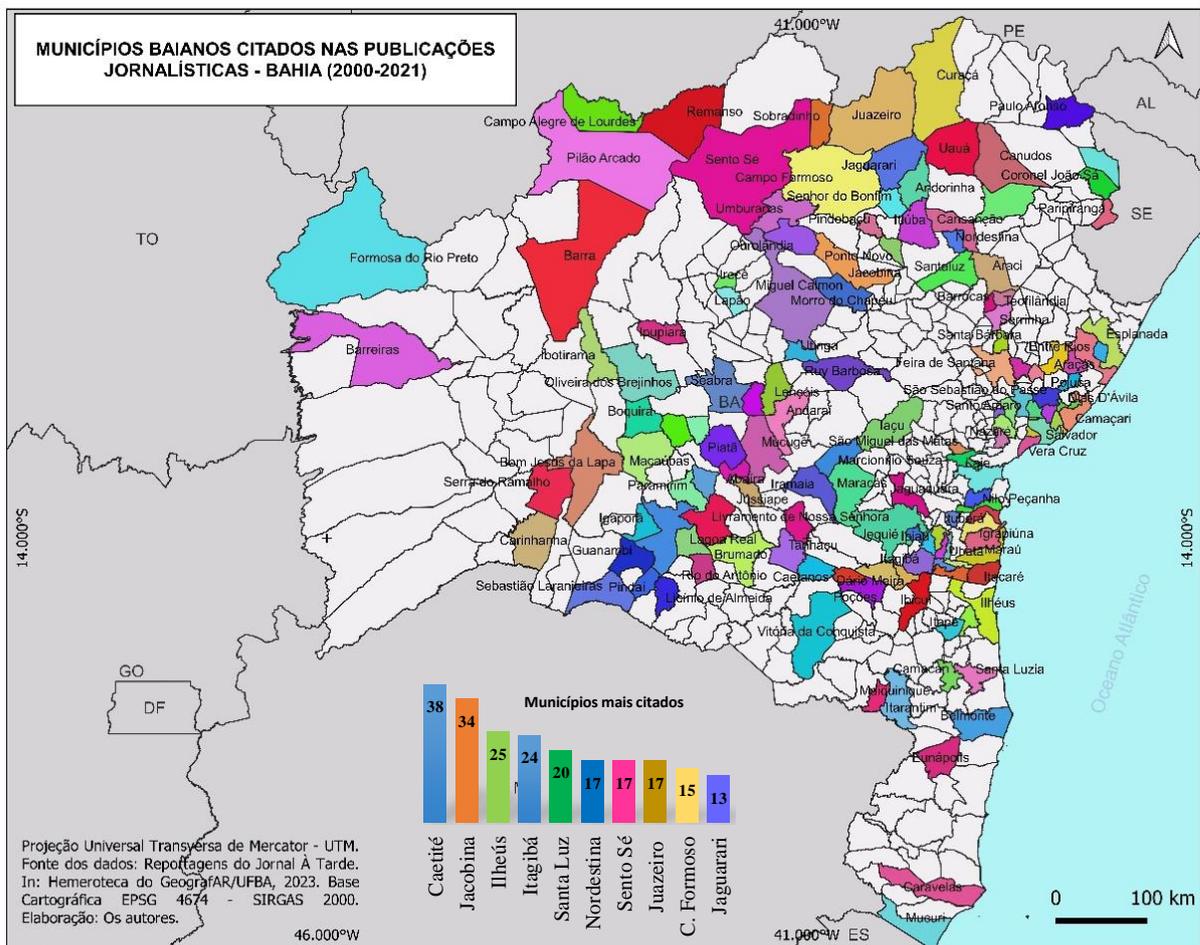
É possível acompanhar, por meio das notícias veiculadas, a dinâmica da realidade em movimento quanto a questão da expansão da atividade mineral na Bahia. Fica evidente a tentativa de evidenciar a conformação de uma fronteira mineral, materializada no aumento vertiginoso dos processos minerários e investimentos, bem como da arrecadação do setor, considerando CFEM, notadamente, nos anos de 2021 e 2022. Não se observa nenhum tipo de problematização referente CFEM, e a gestão desse recurso, que é enfatizado apenas pela via do discurso desenvolvimentista, atrelado ao aumento de receita para os governos locais e a possibilidade de melhorias para a população que deverá ser “beneficiada”, de forma inquestionável, com a introdução da mineração na economia local.

Nessa tentativa explícita e exacerbada de convencimento quanto à necessidade, utilidade e importância da mineração, a crítica aos impactos socioambientais, passivos ambientais e externalidades provocadas pelo setor, é parca e incipiente. No entanto, Francisco Teixeira,

esses lugares de/das (re)existências, Territórios de reprodução da vida. Assim, o Lugar é invisibilizado, pela abordagem jornalística e as narrativas se dão numa perspectiva desenvolvimentista que colabora para a (re) produção de injustiças socioambientais.

Dá-se destaque ao fato de que a atividade da mineração se faz presente em mais da metade dos municípios do estado da Bahia, 225 de acordo com dados da CBPM (2023). Grande número desses municípios são citados nas matérias (141), com destaque para Caetité, Jacobina, Ilhéus, Itagibá, Nordestina, Sento Sé, Juazeiro, Campo Formoso e Jaguarari (Mapa 1).

Mapa 1: Municípios baianos citados nas matérias analisadas (2000 – 2021)



Fonte: Hemeroteca GeografAR (2023). Elaboração: os autores.

De tal maneira, os resultados evidenciam a ampla abordagem das narrativas e discursos favoráveis provenientes do Estado e em prol do Setor Corporativo Mineral, como, por exemplo, os títulos das manchetes e chamadas das matérias analisadas, que geralmente enfatizam a importância econômica da atividade minerária. Por outro lado, são invisibilizadas as populações tradicionais e os conflitos que esses grupos enfrentam com a mineração. Conforme pode ser



observado no Quadro 2, nota-se que, dentre os 543 documentos analisados, se fez menção a algum tipo de movimento, grupo social ou povos apenas 20 vezes. Desse modo, importa considerar ainda, que o texto jornalístico se aplica a expor uma versão dos fatos, que nem sempre retrata com fidedignidade o fato em si.

Quadro 2: Movimentos Sociais, Grupo Social ou Povos citados nas matérias analisadas

MOVIMENTOS SOCIAIS GRUPO SOCIAL POVOS	MENÇÕES
Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST)	5
Movimento Paulo Jackson	1
Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB)	2
Povo Mundukuru	1
Grupo Independente para Avaliação do Impacto Ambiental (GIAIA)	1
Indígenas Krenak	1
Articulação Internacional dos Atingidos e Atingidas pela Vale	2
Associação Comunitária da Jangada	1
European Centre for Constitutional and Human Rights (ECCHR)	1
Misereor	1
Povo Potiguará	1
Movimento Unido dos Povos e Organizações Indígenas da Bahia (MUPOIBA)	1
Pescadores	1
Movimento Brasileiro dos sem Terra (MBST)	1

Fonte: Hemeroteca do GeografAR, 2023. Elaboração: os autores.

O posicionamento, pró capital mineral, da mídia hegemônica encontra respaldo no Estado que, claramente se posiciona enquanto viabilizador no processo de territorialização do capital mineral que tem invadido os diversos territórios ao longo da formação territorial baiana, e especialmente nas últimas décadas. Observa-se uma articulação que forma uma espécie de tripé composto pelo Setor Mineral-Estado-Mídia hegemônica.

Essa abordagem “tripartite” da mineração atua fortemente para neutralizar os enfrentamentos, cooptar lideranças e desmobilizar as resistências que conclamam a efetivação de um modelo mineral menos violento e mais democrático. Essa constatação pode ser verificada em uma matéria veiculada em 25 de abril de 2014, em notícia do Jornal À Tarde sobre a inauguração da mineradora de vanádio no município de Maracás, na Bahia. Na ocasião, e conforme conta em nota, “o jornalista viajou a Maracás a convite da Largo Resources”, grupo canadense que explora a mina. Na mesma circunstância, o Secretário da Indústria, Comércio e Mineração, representante do Estado baiano, afirmou: “nós estamos ao lado dos empresários nessa discussão”, ao se referir à discussão do marco legal da mineração.

A mídia, por sua vez, em nota divulgada em 14 de maio de 2021, intitulada “Comunicação na mineração”, enfatiza a importância da articulação do setor mineral com a mídia como estratégia para o desenvolvimento do setor: “O desenvolvimento de ferramentas de comunicação visando divulgar o negócio dos minérios, torna-se condição necessária para a expansão de um dos setores de maior índice de crescimento econômico no país”. Assim, a nota trata de divulgar o evento “Comunicação para a Mineração” que teve apoio financeiro do Instituto Brasileiro de Mineração (IBRAM) e teve como tema “Reputação: a sociedade brasileira conhece a mineração?”. O objetivo consistiu em “provocar os comunicadores a debater sobre o esforço do setor para ter seu reconhecimento compatível com o potencial”, afirmou a nota.

Ressalta-se que algumas matérias veicularam informações sobre processos que envolveram a dimensão da saúde-vida-morte. São fatos relacionados há alguns casos emblemáticos de contaminação, como os relacionados ao chumbo e ao amianto, na Bahia. Outros são relativos a mortes por acidentes de trabalho em mineradoras ou em áreas de garimpo ilegal, sobretudo, as relacionadas com as mais de 300 mortes provocadas pelos desastres-crimes da Samarco Mineração S. A. e Vale S.A., em Minas Gerais.

Assim, é importante ressaltar a permanência dos impactos socioambientais produzidos pela mineração. São processos que não se encerram com o fim da atividade mineral e muitas vezes produzem a destruição da natureza e a correlata degradação humana, além de litígios que se arrastam por anos gerando sofrimento e adoecimento físico e mental das vítimas e familiares. Também se identificou algumas notas breves que abordam a questão do trabalho escravo, geralmente ligadas aos garimpos ilegais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados são passíveis de maiores aprofundamentos, sobretudo, porque a análise dos dados não foi saturada. Contudo, foi possível traçar algumas notas e apontamentos para a ampliação do debate proposto por meio de estudos que problematizem a temática do trato da mídia jornalística a respeito da questão mineral. De modo geral, verifica-se que o espaço da notícia revela a correlação de forças desiguais, em que o esquecimento do Lugar e de seus habitantes nas abordagens jornalísticas da mineração, se apresenta de modo estratégico.

A mídia hegemônica reforça, habilidosamente, a ideia de essencialidade da mineração através da difusão de narrativas desenvolvimentistas. Chama-se atenção, sobretudo, para o

Silenciamento de questões concernentes aos movimentos sociais e a invisibilização da presença de comunidades rurais, povos tradicionais, seus territórios e suas pautas. Em contrapartida, destaca-se o amplo espaço disponibilizado pelo referido veículo de comunicação para narrativas que evidenciam os discursos provenientes do Estado e do Setor Mineral em uma espécie de publicidade burguesa que defende a todo custo um setor causador de diversos conflitos.

REFERÊNCIAS

ANTONINO, Lucas Zenha. Territórios extrativo-mineral na Bahia: Violações de direitos e conflitos nos territórios terra-abrigo. **Tese** (Doutorado em Geografia). Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

CBPM. Companhia Baiana de Pesquisa Mineral. **Compensação Financeira pela Exploração de Recursos Minerais**. Infográfico. Datastudio. Bahia, 2023. Disponível em: <http://www.cbpm.ba.gov.br> Acesso em: 27/11/2023.

COELHO, Tádzio. P. Minério-dependência e alternativas em economias locais. **Versos -Textos para Discussão**. PoEMAS, 2017, 1(3), 1-8.

FUKS, Mario. **Conflitos Ambientais no Rio de Janeiro: ação e debate nas arenas públicas**. Rio de Janeiro: editora UFRJ, 2001. (Parte 1 – a perspectiva argumentativa dinâmica dos conflitos sociais).

GEOGRAFAR. Grupo de Pesquisa Geografia dos Assentamentos em Área Rural. **Formas de acesso à terra identificadas na luta**. 2021. Salvador: POSGEO/UFBA. Disponível em <https://geografar.ufba.br/> Acesso em 20 mar 2022.

GEOGRAFAR. Grupo de Pesquisa Geografia dos Assentamentos em Área Rural. **Hemeroteca Digital da Questão Agrária na Bahia**. Salvador: POSGEO/UFBA. Em construção, com acesso ainda restrito.

GONÇALVES, Ricardo Junior de Assis Fernandes. A geografia e a pesquisa crítica do modelo de Mineração no Brasil. **Revista Mutirão** (Recife) V. II, No. II, 2021. P 66-87. SSN 2675-3472.

INTERVOZES, Coletivo Brasileiro de Comunicação. In: **Vozes Silenciadas** - a cobertura do vazamento de petróleo na costa brasileira. Intervozes – Coletivo Brasil de Comunicação Social. São Paulo: Intervozes, 2020.

LOPES DE SOUZA, M. Articulando ambiente, território e lugar: A luta por justiça ambiental e suas lições para a epistemologia e a teoria geográficas. **Ambientes: Revista de Geografia e Ecologia Política**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 16, 2020. DOI: 10.48075/amb.v2i1.25277. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/ambientes/article/view/25277>. Acesso em: 17 abr. 2023.



MILANEZ, Bruno. Transição energética: “Existe uma ilusão de que a ‘tecnologia’ vai encontrar um caminho e as economias poderão crescer indefinidamente” [Entrevista concedida a] Patrícia Fachin. Instituto Humanitas Unissinos. On line, 22 nov 2021. Disponível em: <https://www.ihu.unissinos.br/categorias/159-entrevistas/614625-transicao-energetica-existe-uma-ilusao-de-que-a-tecnologia-vai-encontrar-um-caminho-e-as-economias-poderao-crescer-indefinidamente-entrevista-especial-com-bruno-milanez> Acesso em 26 nov 2021.

RACINE, J. B; RAFESTIN, C; RUFY. Escala e ação: Contribuição para a interpretação do mecanismo de escala na prática da Geografia. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, ano 45, n. 1, jan/mar. 1983, p. 133-145.

SERPA, A. Ser lugar e ser território como experiências do ser-no-mundo: um exercício de existencialismo geográfico. **Geosp** – Espaço e Tempo (Online), v. 21, n. 2, p. 586-600, agosto. 2017. ISSN 2179-0892.

SILVA, G.; MAIA, F. D. Análise de cobertura jornalística: um protocolo metodológico. **RuMoRes**, [S. l.], v. 5, n. 10, p. 18-36, 2011. DOI: 10.11606/issn.1982-677X.rum.2011.51250. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/51250>. Acesso em: 16 abr. 2023.

SOUSA, Valdirene S. R; GERMANI, Guiomar I.; ANTONINO, Lucas Z. Uma Geografia da pesquisa sobre a mineração no Brasil no campo da análise geográfica (1987-2020). **Ambientes** [S. l.], v. 3, n. 2, p. 77–106, 2021. DOI: 10.48075/amb.v3i2.28606. Disponível em: <https://e-vesta.unioeste.br/index.php/ambientes/article/view/28606>. Acesso em: 15 abr. 2023.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Pesquisa de campo em geografia. In: **GEOgraphia**, vol. 4, n. 7, p. 92-99, 2002.

SVAMPA, Maristella. **As fronteiras do neoeextrativismo na América Latina**: conflitos socioambientais e novas dependências. São Paulo, SP: Elefante, 2019.